



O CHARADISTA

Jornal Humorístico, Charadístico, Litterario e Noticioso
Publicação semanal

Director—**Antonio Augusto Veiga**
Redacção rua dos Ferradores n. 5

Administrador—**J. P. Ramos**
Administração—R. de S. Thomé

Assignatura na villa, anno 500 reis
Avulso 20 «
fora da villa acresce o importe do sello

Annuncios, preço convencional

Composição e impressão na Typographia
«Ovarense» Rua da Graça—Ovar.

Propriedade de um grupo de charadistas

Meia hora de palestra

Algumas horas à beira mar

O sol parecia fugir vertiginosamente para o seu occaso, deixando sobre a terra um rasto luminoso. As ondas vinham quebrar-se mansamente junto á praia, envolvendo a branca areia, maculada aqui e ali, por passos incertos. A bruma principiava a subir no horisonte, envolvendo assim verdadeiros atractivos que a natureza tão bem soube mimosear a terra...

A palida lua, deixava chegar até nós os seus frouxos raios, que a custo transpunham a bruma etherea.

Junto da beira-mar, andava brincando com a espuma das vagas uma fada, verdadeiramente seductora, não occultando os seus pesinhos muito bem feitos... alvos como a mesma espuma. As vagas, mais felizes do que eu, beijavam-lhe o que tinha de mais bello, pois que Raphael não o sonhou mais atrahente. Então, sentei-me em frente de pura beldade, e não pude calar em mim a voz da consciencia, que me dictou algumas palavras, felicitando-a como possuidora, do que até ali ainda meus olhos não tinham visto...

Toda vaidosa, ella caminhou mais para o mar e então vi mais claramente o que nem posso, nem sou capaz de descrever. Um verdadeiro encanto!... Uma maravilha!...

Quando se retirou da agua, já declinava a lua. Os seus pesinhos tão lindos e brancos, afiguraram-se-me os d'uma Deusa, d'um anjo... quando se desprende da região ignota para baixar á terra. Também me levantei commovido como que por uma mola occulta e vi logo desaparecer para sempre lá muito ao

longe, por entre uma fila de arvores, esse anjo que me tinha fascinado.

Fiquei triste e abandonado a pensar em tudo quanto tinha visto. De repente, ouço ao longe uma canção tão melodiosa, tão encantadora, que logo despertou na minha alma todas as chimeras e phantasias que podia despertar n'um coração

gargalhada sonora me veio arrancar do lethargo em que estava. Reconheci quem assim se ria, abandonando immediatamente a serenata que momentos antes julgara immaculada.

Todos se retiram, vibrando ao longe o ultimo accorde de mistura com a orgia em que andavam. Se antes estava triste, mais triste fiquei, perguntando: Oh! Immensa Natureza, como consentes que trovadores vulcanicos te atraícoem e

lancem porterra o que Venus tem de mais puro?!... Jupiter de certo foi mais correcto para ti, nas antigas eras!... A natureza ouviu o meu clamor e enviou-me pela lua duas lagrimas, envoltas na briza faguella, que vieram suavisar e acompanhar os meus passos até ao leito.

Desde então, reconheci na Natureza um Deus!

Berthier

PARA RIR

VARINA VENDENDO E REGATEANDO

apalxonado. Se até ali parecia sonhar com amores, d'ahi em diante muito mais sonhava coisas impossiveis. Foi-me approximando, até que distingui quem cantava tão doce ode e não resisti á tentação de lhe dizer que gostava muitissimo de a ouvir.

Palavras não eram ditas e uma

um estabelecimento pergunta á dona.

—Tem cá canella?

—Tenho sim senhor.

Então lave-a sua porca.

Certo sujeito passando por



Em pouco tempo

(Continuação)

V

ELLE

Dizem que d'amor se morre:
Que do amor pod'vir a morte!
Se eu morresse nos teus braços
Bemdiria a minha sorte!

ELLA

Bemdiria a minha sorte
Se tu não fosses traidor.
Tenho medo dos teus beijos
Que tu és enganador.

VI

ELLE

Dar um beijo a quem se adora
E' dar vida quem padece:
—Branda luz que vem d'aurora
No murmúrio d'uma prece!—

ELLA

No murmúrio d'uma prece
Peço a Deus um sonho brando
Em que sonhe... que o teus lábios,
Meu amor, m'estão beijando.

Continua

JOFERAL.

Epitaphio

Aqui jaz um piteiteiro,
(Morreu como um passarinho.)

Chronica

IV

Quem vive? Interrogou a sentinella.

—Soldado d'El-Rei!—respondeu Fernando, e antes de poder dar um passo sentiu que uma mão dura e possante lhe segurava um braço; voltando-se, rapidamente, para castigar o audaz que lhe tolhia os movimentos, deu de cara com o tenente.

Um raio que lhe cahisse aos pés não lhe havia produzido maior espanto.

Com a rapidez d'um raio passou-lhe pela mente a recordação

Ao saber que um tasqueiro,
Lhe vendeu agua por vinho

Gulpilhares, Setembro de 1908

Elysario.

Litteratura

CRUEL!

Eu, cantando, afugento esta tristeza
E da minh'alma a cruel dor,
Que me nasceu no dia em que a
(certeza)
Tive, de que não tinha o teu amor

Queria cantar, mas esta chama accesa,
D'essa paixão que inda revive em
(mim)
Lança a minh'alma em cruel in-
(certeza)
Ao lembrar-se de ti, meu cherubim.

E se cantar consigo, ó minha amada
Minha voz de tristeza repassada,
Da mocidade já não tem o ardor.

Mas inda assim, mulher implorada,
Mulher ingrata, cruel... mas for-
(mosa,
São para ti minhas canções d'amor

Lisboa, 18-9-908

LITRAS.

TROVEIRO

Os teus olhos, minha amada,
São melgos e encantadores.
Prendem todo o amante,
Que nunca teve amores.

dos maus tratos que o tenente lhe fez soffrer enquanto recruta, mas ficou satisfeito que já era 2.º cabo e, portanto, estava livre de castigos corporaes.—E o tenente ficou furioso por não lhe poder chegar.

Recolheu á companhia e no dia seguinte, com grande indignação do tenente, estava feito 1.º cabo!

Elle, 1.º cabo em 40 dias, quando o tenente esteve n'aquelle posto 4 annos!

Como tinha faltado ao recolher, foi chamado á presença do tenente. Eram horas de vir hontem para o quartel?

—Meu tenente!... tinha licença para assistir a um espectáculo.

—Quem lhe deu essa licença?

—Um official d'alta graduação!

Os teus lábios nacarados,
As tuas bellas e longas tranças,
As tuas faces mimosas,
Enchem o peito de esperanças.

Arcos, Setembro de 1908

Rei Pum

As minhas chronicas

II

OS PADRES...

E' precisamente no actual momento, em que os padres, esses pregadores da verdadeira religião são os mais fallados, são os que estão mais em foco pois até dizem que elles tentam fazer uma revolução, que eu venho fallar d'elles na minha chronica.

Portugal actualmente é abundante em padres, e em colos jesuiticos, podendo-se dizer, que voltamos ao tempo, em que esse grande estadista Marquez de Pombal, se viu forçado a expulsal-os d'aqui, para evitar tantos crimes por elles praticados.

Pelas ruas caminham sempre e a todas as horas, grupos e grupos d'esses homens, que envergam as suas sotainas negras, e ao vellos passar por si tão altivamente, este povo generoso e bom, sente não ser o que de repugnante, quasi que murmurando:

Ah! bom Marquez de Pombal!...

E é verdade. Se elle os visse novamente, de volta á patria que elle tanto amou, e para quem tanto trabalhou, não ser francamente o que faria!

O povo na sua maior parte odeia os padres, uns pelas suas traficancias, outros porque dizem, que

que, quando eu sahia do quartel se encontrava no quartel das bandeiras.

—Um official?... Era o Coronel?...

—Mais!... mais que Coronel..

—Era brigadeiro, por acaso?

—Muito mais!...

Mas... acabe. Quem era esse official? Um general? Um primeiro cabo?...

—Mais, muito mais meu tenente!

—Como! Seria o capitão general?

—Mais que isso, meu tenente!

Continua

Deolinda.

elles pertencem a uma selta, que não trabalham, não produzindo por isso nada de util.

N'este ultimo caso, não concordo eu. Como quer o povo que elles trabalhem, e que produzam alguma coisa, se elles, todos os dias, deitar e levantar, rezam uma oração, que diz: Deus nos livre de trabalhos...

E... Deus faz-lhes a vontade!

Lisboa, Setembro, 908

Figueiredo Junior

Nota da Redacção—Esta chronica foi publicada, unicamente, pela muita consideração que nos merece o seu illustre auctor e não porque concordamos pelas ideas n'ella expostas, que, no nosso humilde e fraco entender, não será tanto como diz o nosso illustre collaborador e porque se muitos leitores concordarão com ella outros não concordarão, e n'esta conta estão por certo os sacerdotes nossos patricios. Por isso, d'ahi lavamos as mãos.

Motte

Entre pobres, ser eu rico
Sou Sá e chamam-me Zé?

GLOSA

Um dia deu-me um fanlco,
Ao sonhar c'oa loteria
E que um cambista me dizia
Entre pobres ser eu rico.

Pintei logo o mafarrico,
Comprei dez reis de rapè,
E trouxeram-me café
Dentro d'um vaso mal cheiroso!!
E eu gritei em tom raivoso:
Sou Sá e chamam-me Zé?

Gulpilhares, Setembro de 1908

Elysario.

PARA QUE?

Tu perguntas-me um dia
Porque me queria matar
Pois tu não sabes, Maria
Que eu só vivo de te amar?

Tu queres a resposta, qu'rida?
Pois ella ahí vae, meu anjo:

Para que queria eu a vida,
Sem o teu amor, archanjo?

Lisboa, Setembro de 1908

LITRAS.

Prato de meio

Não tenho escripto esta minha secção, por motivo de abundancia de serviços, que me têm impedido de a elaborar.

Hoje não tenho que fazer, mas vejo-me seriamente atrapalhado com falta de assumpto para vos preparar um «prato de meio» excellent, e, de tal forma, que vos estimule fortemente o **appetite** ..

Vou ver se o consigo ainda que com algum custo.

Parece que já estou a ouvir o leitor dizer c'os seus botões:

Forte scisma a do Procopio,
Escrever só **cousas** toscas!...

Quem não tem mais que fazer,
Abre... e colhe moscas...

A nossa praia do Furadouro, no presente anno, acha-se movimentada, a valer, de formosos e tentadores exemplares do genero femenino, que, em virtude das leis da **electricidade dos corpos**, afazem, tambem, ser muito movimentada de não menos formosos e tentadores exemplares do genero masculino.

A minha **electricidade** já pouca é, de maneira que nem faço **attrahir**, nem pouco **attraio**; mas, por outro lado, outros **atraiem** e fazem **attrahir** d'uma maneira consideravel; e, então, na noute de sabbado, —vespera da festa,—isso foi uma **attracção** successiva; foi uma noute toda de **electricidade**, que se **accumolou** em **accumoladores** proprios, para, no fim d'um periodo provavel, ser **desaccumolada**, e d'ella se formar a luz...

Quantas meninas vão alli procurar allivio para os seus **soffrimentos**, nas salgadas aguas do mar, tomando banhos successivos, e, no fim de contas, voltam, muito pelores!...

E, depois, do bom remedio,
P'ra poder tudo acabar,
E' tomar os tres d'egreja,
E... em vida nova entrar...

Os Snrs. viram o torneio de tiro aos pombos, na segunda feira, no Furadouro?...

Foi uma pandega!...

Oh, meninos, os pombos parece que já não comiam, ha mais de quinze dias; pois, para se levantarem faziam os **atiradores** suar sangue!...

Aquillo não eram pombos, eram mais que pombas, e sem fel nenhum!...

Pois, senhores, apesar de tudo isso alguns **atiradores** deixaram fugir os pombos, illesos.

E o que mais faz admirar, é que, esses **atiradores** eram novos!...

De que seria a duvida?...

Essa duvida, a meu ver,
(Vae com toda a pragmatíca)

Fatalmente deve ser,

Sugundo... ouço dizer

—A dos velhos ter mais **pratioa**

Mas, tambem, p'ra que assim seja,
Eu não posso acreditar,
Que o senhor Dr. Valente
Tão mal fosse **atirar**...

PROCOPIO.

Noticiario

Festa do mar

Foram magnificos os festejos ao Senhor da Piedade, realisados nos dias 26, 27 e 28 ultimos na nossa pittoresca Praia do Furadouro. A festa nocturna de sabbado foi magnifica, bem como nos outros dias. As musicas agradaram e portaram-se á altura dos seus creditos que as tornam duas **philarmonicas** distinctas. Nunca nos lembra de ter a tão falada festa do mar, tanta concorrencia deromeiros como este anno. O programma foi cumprido á risca.

Torneio

Correu, animadissimo, o torneio de tiro aos pombos realisado na praia do Furadouro. Eram em numero 12 os atiradores inscriptos. Os premios, que eram de algum merecimento, couberam aos seguintes snrs.: 1.º Dr. Tavares, de Avanca—2.º Luiz Cardozo, d'esta villa—3.º Costa, de Avanca e o 4.º Manoel Gomes Pinto, d'esta villa.

A NOSSA CARTEIRA

Annos

Passou ante-hontem o seu aniversario natalicio, o nosso amigo e genial poeta sr. Antonio Dias Simões. Os nossos parabens a S. Ex.ª.

